

A LUTA CONTRA AS DEPORTAÇÕES!

O operariado de Setúbal declarou ontem a greve geral naquela cidade. A paralisação é completa. O povo trabalhador setubalense, seguindo a tática da C. G. T., imitou a atitude dos operários conscientes de Lisboa, lançando-se num movimento cujos nobres intuitos o dignificam.

Ao proletariado de todo o país apontamos o grande exemplo do de Setúbal.

Aos esforçados lutadores enviamos as nossas saudações!

Viva a Organização Operária de Setúbal!

Abaixo as deportações!

Não confundamos

Procurando diminuir a importância das palavras do dr. Magalhães Lima que A Batalha registou, de apoio à campanha que temos feito contra as deportações sem julgamento, O Século vem opor-lhe este grande argumento: o cadastro da polícia. Para o sr. Trindade Coelho, que parece que estudou Direito em Coimbra ou esteve lá o tempo necessário para estudar, o facto de se ser preso é uma prova fulminante de culpabilidade! Não sabemos se, começando a polícia a prender o sr. Trindade Coelho, como é de próprio jure lembrou que lho fizessem em vez de lhe suspender o jornal, o mesmo senhor continuará a sustentar esta doutrina, mas ainda que assim fosse não deixaríamos de reconhecer que ela é o que há de mais absurdo.

Se o facto de se ser preso várias vezes é caso para deportação, não tem a polícia mais do que prender e soltar várias vezes um indivíduo, para depois o enviar para as colónias. Basta, para isso, que tenha o cuidado de pôr no cadastro que a prisão é por detenção de bomba, fabrico de explosivo ou atentado. Esta peregrina maneira de fazer jornalismo, dizendo patacoadas, não pode deixar de merecer o nosso veemente protesto.

A autoridade moral do dr. Magalhães Lima responde o sr. Trindade Coelho com a autoridade do primeiro cabo de esquadra que se lembre de mandar prender militantes operários por suspeitos de bombistas. Protesta o dr. Magalhães Lima contra o facto de se fazerem deportações sem julgamento. Mas O Século entende que não é assim, pois indivíduos presos pela polícia

como suspeitos de fabricar, deter ou fazer explodir bombas, é o mesmo que terem sido julgados com todas as regras.

Em que país de cafres estamos nós, para que se possa defender essa tal opinião como sendo a mais aceitável por toda a gente? Que Trindade Coelho é este, que já esqueceu aquele dr. Trindade Coelho que, tendo chegado à situação de não poder continuar exercendo o seu lugar de agente do Ministério Público sem perseguir os ordens do governo os adversários desse governo, preferiu demitir-se desse lugar, em prejuízo dos seus interesses? Que Trindade Coelho é este que aproveitou o nome e o prestígio do pai, que a cada passo cita, para fazer uma campanha de ódio e de perseguição que só não prejudica o nome do seu progenitor porque este, pelos seus actos, soube definir bem o seu espírito jurídico. Nunca nos há-de esquecer que um dos livros do dr. Trindade Coelho, o pai, é dedicado a um homem que sofreu pena maior por um erro judiciário, tal a impressão que a má justiça, a falta de cuidado nos julgamentos lhe produziu.

Que diria ele se pudesse ver hoje o que se escreve em certos jornais, proclamando como justo e perfeito o deportarem-se presos por suspeitas, sem processo regular nem julgamento?

O Século intitulou o seu artigo Não confundamos. Também nos serve a nós. Não, não confundamos o dr. Trindade Coelho, aquele que nunca se assinalou como sectário e perseguidor, com quem usa hoje o seu nome, sem reparar o que esse nome representa.

Uma resposta eloquente

A Liga dos Direitos do Homem e as últimas arbitrariedades

Depois de escrito e composto o nosso editorial, recebemos da Liga dos Direitos do Homem a carta que a seguir publicamos, sem lhe fazermos comentários porque os dispensem as suas expressões claras e irrefragáveis:

«Solicitemos o especial obsequio de dar publicidade à seguinte carta enviada hoje ao jornal O Século, o que esta colectividade de muito agradece:

Sr. director de O Século.—Devido ao desinteresse dos homens de carácter e probidade moral pela Liga Portuguesa dos Direitos do Homem (pois não pertence a ela quem quer, mas quem deve pertencer), tem esta colectividade suspensos há meses os seus trabalhos. Em consequência, porém, dos abusos da autoridade, do arbítrio e da intolerância cometidos ultimamente vai reanunciar num período de actividade.

Dada esta explicação necessária para justificar o nosso silêncio, vimos responder ao artigo de O Século intitulado «Não confundamos».

Escreve o articulista, que esta «filantrópica e utópica instituição nunca se manifestou que nós sabemos contra o restabelecimento da pena de morte em Portugal levada a cabo durante anos por bandos de assassinos impunes?»

Esta Liga condena a pena de morte e condena também e muito principalmente a sua apologia feita pelo jornalismo e pelo cinematógrafo, reclamado pelos jornais. Ora, nesse jornalismo ocupa lugar de destaque O Século, publicando notícias de crimes demasiado pormenorizadas, e retratos de criminosos natos levados assim à celebridade. Foi a Ilustração Portuguesa que inseriu nas suas páginas fotografias da manipulação de bombas. E a contrabalançar ainda não vimos a sua persistente acção moralista.

Recentemente têm sido espancados presos, têm-se feito prisões arbitrárias, deportações sem julgamento.

Tudo isto é uma iniquidade; mais, é o abuso da autoridade a desacreditar o regime. E O Século aplaude.

Há cinquenta dias está preso sem culpa formada o sr. Alejo Carrera. O Século acha bem, não protesta.

E porque protestou O Século quando a autoridade arbitrariamente lhe suspendeu a publicação?

Sr. director de O Século, a L. P. dos D. do H. não conta com esse órgão da imprensa na sua próxima propaganda contra a gatuocracia, a baixaria de carácter e o arbitrio, mas nem por isso deixará de cumprir a sua missão. Pelo Directorio, o secretário, A. Neves.

A política austríaca

Fala-se na união com a Alemanha

Quando em outubro de 1922 a Liga das Nações interveiu na vida política e económica da Áustria, foi apregoado pelos governos aliados que este país ia novamente florescer e prosperar.

Todavia, são passados dois anos e meio, e o facto é que a Áustria se encontra numa terrível situação económica. As reformas de Zimmermann, agente da Liga das Nações em Viena, só serviram para sobrecarregar o operariado austríaco com impostos intoleráveis, tendo falido inteiramente o que se referia à restauração da indústria.

A falta de trabalho é tão grande como na Inglaterra, e a percentagem de mortes e suicídios cresce constantemente.

O governo chamou a atenção da Liga para o facto de que a Áustria não pode viver isolada, mas que tem de fazer parte duma maior união económica.

Há o desejo de a unir à Alemanha, à qual se aproxima pela língua e cultura, e da qual fez parte durante muitos séculos. Já em 1919 o ministro socialista dos estrangeiros, dr. Braun, iniciou negociações nesse sentido mas os aliados não consentiram em tal, tendo inserido nos tratados de Paz uma cláusula proibindo a Áustria de o fazer, sem ser pelo consentimento unânime do Conselho da Liga.

Agora volta à discussão essa velha ideia, e no caso em que ela não seja aceite pela Alemanha, a Áustria ver-se-á novamente ameaçada de bancarrota.

Os tumultos na China

Um combate iminente em Cantão

LONDRES, 8.—Comunicam de Cantão estar iminente um combate entre as tropas de Yunnan e as de Cantão que, acampadas nos arredores, se refreiam e preparam para invadir a cidade.—(L.)

Os acontecimentos de Xangai

LONDRES, 8.—O correspondente do Times em Xangai diz que as actuais desordens são o resultado dum movimento dirigido por Feng-Yun-Siang contra Tchong-Tso-Lin, com o fim de revoltar toda a China.—(L.)

Os trabalhistas ingleses a favor dos revoltosos de Xangai

LONDRES, 8.—O conselho nacional do Partido Trabalhista Independente publicou um manifesto declarando que as actuais

Notas & Comentários

Os famosos cadastros

Para justificar a sua sagacidade a polícia deu-se agora ao ingrato papel de forjar cadastros.

Qualquer operário que caia sob a sua alçada, mesmo que não tenha prisão, lá aparece no Governo Civil o seu cadastro recheado de prisões incluindo, como é preciso, a prisão por roubo.

Na aventura dos Sherlocks nos Quatro Caminhos da qual resultou a descoberta dum «complot» que faria evocar a estação dos eléctricos com... uma panela ferugenta carregada de pragas, foi preso o operário manufatureiro de calçado Francisco Alves Quintas como um dos terríveis «le-gionários». Recolheu ao Governo Civil e aguardava que lhe explicassem se é crime entrar num estabelecimento a abastecer-se do que necessita um cidadão. Sim, porque outro delito não pesava na consciência do Quintas.

Na julga o leitor que lhe deram essa explicação ou sequer o interrogaram? Não! Quando o soltaram disseram-lhe apenas «que no seu cadastro constam duas prisões e uma por furto».

Agora váis, leitor, saber o que são os cadastros?

Quintas foi pela primeira vez preso na célebre descoberta do «complot» dos Quatro Caminhos? Logo, portanto, o seu cadastro só com essa prisão nascia. Todavia, a polícia não teve pejo em tornar público o seu «cadastro» para o deprimir.

Que nos guardará ainda este «xaviérista» polícia para se celebrar como lhe convém?

Pacificação

A peregrinação a Roma teve como resultado uma verdadeira harmonia cristã. Os jornalistas que acompanharam os peregrinos, além de reproduzirem os acontecimentos nos jornais, deram-nos também o espectáculo das suas desavenças pessoais. São estas desavenças que mais nos interessam, é claro. E estimamos que continuem, para prestígio do clero, dos bons católicos, dos cristãos e dos colegas de imprensa... Oh, o poder pacificador e cristão das peregrinações!...

Indiscreta curiosidade

Uma pessoa curiosa escreveu-nos da província pedindo-nos informações acerca do sr. Vitorino Guimarães. Quisemos satisfazer imediatamente a curiosidade do nosso leitor, mas surpreendemo-nos a perguntar a nós próprios quem era essa pessoa ilustre cuja mentalidade tínhamos de descrever. Cogitámos, meditámos e chegámos à conclusão de que o sr. Vitorino Guimarães era apenas o presidente do ministério — e mais nada.

Propaganda anti-alcoólica

O dr. Negro Basciano, médico-naturista argentino, e sua esposa D. Valentina Gues-nos de Negro, tiveram a amabilidade de vir apresentar os seus cumprimentos à redacção de A Batalha. A visita do dr. Negro a este país obedece à intenção de desenvolver entre nós uma larga propaganda anti-alcoólica. Já conhecíamos o ilustre médico, de nome apenas, pois a propaganda anti-alcoólica que fez durante anos seguidos, com notável persistência, no Brasil e na Argentina, celebrando-o, tornou-o familiar a todos quantos se interessam pelas grandes problemas de higiene que, em Portugal, infelizmente, não passam de longínqua aspiração. O dr. Negro Basciano realizará em Lisboa a sua primeira conferência, no próximo domingo, na sede do Ateneu Comercial. Sua esposa dedica-se à propaganda contra o tabaco e esperamos que em breve exponha também ao público lisboeta as suas úteis teorias.

greves declaradas na China demonstram que a revolução é perfeitamente justificada pelas condições impostas pelo capitalismo estrangeiro.

O manifesto termina por pedir às associações trabalhistas inglesas que iniciem movimento a favor da retirada das tropas britânicas do solo chinês.—(L.)

Cresce o número dos grevistas

LONDRES, 8.—Comunicam de Cantão estarem cortadas as comunicações com Pequim, e que numerosos navios de guerra ali chegaram para proteger a vida e as propriedades dos estrangeiros.

Em Xangai o número de grevistas eleva-se presentemente a 350.000, e os estudantes continuam a apoiar os operários na sua atitude hostil contra os estrangeiros.—(L.)

A revolta contra os japoneses e ingleses

LONDRES, 8.—A Chicago Tribune diz que a revolta é especialmente dirigida contra os súbditos japoneses e britânicos.

Outras notícias dizem, porém, que a China se encontra dividida entre dois campos políticos: um apoiado pelos soviets russos, sob a direcção do general Feng, o outro pelos japoneses, que é dirigido pelo general Chang-Tso-Lin, entre os quais se encontra o governo de Pequim, chefiado por Hengting.—(L.)

A EXPANSÃO DO SINDICALISMO

A Associação de Escritores

Ao mesmo tempo que um jornal da tarde, publicava uma entrevista com um dos membros da direcção da Associação de Classe dos Vendedores de Jornais, vem a público a notícia da próxima fundação de uma associação de escritores.

Os humildes garotos dos jornais precederam deste modo os intelectuais, revelando um espírito de camaradagem, um intuito de organização que é muito possível que venha ainda a aproveitar aos chamados trabalhadores do cérebro.

Os escritores até agora só têm revelado um feroz individualismo, uma incapacidade de organização que acaba de ser posta violentamente a nu, ante o contraste sintomático do espírito associativo levado à prática por um bando bulhoso de crianças, que tais são os vendedores de jornais. Estes não só se juntaram numa associação, como acabaram de definir com uma rara inteligência, os seus fins, num magnífico plano de realizações visando os seus interesses morais e materiais.

E os escritores?

Fala-se agora numa reunião convocatória, tendente à criação duma associação, dum sindicato. Que resultará desta tentativa?

Porque a verdade é que os escritores várias vezes têm tentado realizar o objectivo que neste momento se propõem levar a efeito.

Verifica-se que os escritores estão ainda na infância da prática do sindicalismo.

Na Associação dos Trabalhadores de Teatro encontram-se associados alguns escritores.

No Sindicato dos Profissionais da Imprensa, muitos escritores, tentam os primeiros passos na vida associativa. Muitos escritores são igualmente visíveis na Associação dos Escritores e Jornalistas, e devem igualmente tomar parte como associados, muitos trabalhadores intelectuais, na União Intelectual Portuguesa.

Por estes ligeiros apontamentos, fica bem acentuada a dispersão de esforços, a negligência dos intelectuais pela organização que de força às suas aspirações.

Significa este facto a fraqueza e a desordem dessas mesmas aspirações.

Eivados dos piores vícios intelectuais, pervertidos pelas mais antiquadas concepções de superioridade, os escritores portugueses ainda não sentiram a necessidade de convergir os seus esforços visando a um fim comum. As suas reuniões, as suas tentativas de coligação num grémio, degeneram num virtuosismo de cenáculo, numa burocracia de academismo arcaico, visando apenas ao lugar comum das manifestações oficiais e à permuta regulamentada de elogios. Assim, as suas reuniões são um pretexto para ridículas consagrações.

Como nem todos os pretensos associados podem, simultaneamente, ser patriarcas e deter o principado das letras, os grupos, as assembleias, todas as variadas formas de atingir uma caricatura de associação, acabam por um maior refinamento de despeitos que trazem como consequência o fortalecimento do individualismo.

Fracassaram assim muitos projectos de união de escritores, muitas convocações de literatos para discutir as bases da tão falada associação.

Iremos assistir a mais um fracasso?

Os escritores portugueses estarão realmente convencidos da necessidade de se associarem?

Existirá neste momento uma forte necessidade de defesa, de interesses morais e económicos suficientes para a criação dum sindicato profissional?

Cremos que sim, desde que se esboça um movimento, especialmente da geração nova, para o profetismo das letras, e para a moralização das relações entre o escritor, o público e a crítica.

E tempo de criar-se a Associação dos escritores desde que um grande número de trabalhadores intelectuais, procuram através um trabalho inglório, garantir a regularidade da produção literária que lhe garanta uma situação decente, de modo a evitar as claudicações com o público or com os penhoristas.

E tempo de o escritor abandonar velhos hábitos de vagabundagem, de faciosismo, e intervir com o seu esforço inteligente e honesto para que os horizontes editoriais se alarguem, promovendo uma mais ampla identificação da indústria do livro, de modo a atrair as justas compensações que agora não conhecidas.

Enfim, a fundar-se definitivamente a Associação dos Escritores, se quiser, tem muito, mas muito que fazer... E. F.

Oito execuções

CAIRO, 8.—Foram já executados os oito egípcios que tomaram parte no atentado que causou a morte de Sirdar Sir Lee Stack.—(L.)

Mais outro

No passado sábado, quando se dirigia para o seu trabalho, foi preso à entrada do vapor «Cacilhas» o operário José Gordinho.

DEPORTAÇÕES E PERSEGUIÇÕES

O operariado de Setúbal num grande gesto de solidariedade declarou ontem a greve geral

Quando eclodiu há dias o movimento em Lisboa de protesto contra as deportações, dissemos nestas colunas que ele era apenas o início da grande jornada que o operariado devia levar a efeito em todo o país, a fim de ser normalizada a situação daqueles que arbitrariamente o governo tinha enviado para a Guiné. E assim é. Em Lisboa, por circunstâncias já conhecidas, o movimento não teve aquela retumbância que levasse dum jacto o governo a reparar o erro. Mas como o operariado não vive apenas em Lisboa, a província devia também afirmar a sua repulsa juntando os seus protestos à obra a realizar.

Setúbal, a cidade de brilhantes tradições revolucionárias, respondeu ontem aos detractores, confirmando a nossa asserção com a greve geral de protesto contra as deportações.

O operariado citadino desde ontem que, com a sua greve, diz ao governo que o seu gesto lhe merece a maior repulsa. E desde esse momento os «bitorques» devem convencerem-se de que a greve geral de protesto levada a efeito pelo operariado de Lisboa não é obra de meia dúzia de mentecaptos, mas duma legião que sofre o peso cruel da tirania governamental.

Descrevamos, pois, o que foi esse importante movimento.

No passado sábado, às 16 horas, dois agentes da polícia de investigação de Lisboa prenderam naquela cidade o operário João Maria Major, redactor principal da Voz Sindical e um dos principais militantes operários de Setúbal. Segundo notícia à imprensa burguesa, Major «é acusado de ser o dirigente da agitação revolucionária naquela cidade, tendo em seu poder grande quantidade de explosivos».

Escusado será dizer que além de insidiosa a acusação tem o fim de inutilizar este elemento que na Voz Sindical criticou a política do delegado do governo na cidade do Sado.

Não satisfeita com a prisão de Major, a polícia invadiu as oficinas onde é impressa a Voz Sindical não consentindo a saída do jornal sem o respectivo visto da censura.

Os Sindicatos da localidade que já tinham resolvido manifestar, pela greve, o seu protesto contra as deportações, encaramam o melindre da situação. A prisão efectuada era bem sintomática. Nada havia a esperar. Perder tempo, seria perder campo.

Então a U. S. O. convocou para domingo de manhã a reunião do Conselho Federal. Compareceram à reunião todos os organismos aderentes. Discutida demoradamente a oportunidade do movimento de protesto contra as deportações e a prisão de Major, foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º—Protestar contra as deportações, as quais tendo sido feitas sem que a constituição política da República o permita e nem sequer outra qualquer lei o determine representam um dos maiores atentados cometidos nestes últimos tempos contra as liberdades públicas.

2.º—Reclamar do governo o respeito às leis do país.

3.º—Convidar os sindicatos operários seus aderentes e não aderentes a reunirem as suas respectivas assembleias gerais comunicando-lhes as resoluções acima enunciadas e também salientar quanto de arbitrariedade a prisão de João Maria Major, a qual sendo feita sem motivo justificado representa uma afronta ao operariado organizado desta cidade, tanto mais que aquele é perseguido pelo simples facto de exercer o cargo de redactor principal do nosso órgão na imprensa a Voz Sindical.

4.º—Resolve emitir o parecer de que é urgente votar a greve geral por tempo indeterminado como protesto contra as deportações e em prol da libertação de João Maria Major».

Para maior segurança na preparação do movimento, a-pesar de ter sido votada a greve geral na referida reunião, ontem de manhã reuniram-se as assembleias gerais dos organismos de Setúbal os quais referendaram aquele documento. O Sindicato da Construção Civil independentemente da aquela resolução, aprovou estourar:

«A assembleia geral da Associação da Construção Civil, reunida para votar a greve geral, resolve:

«Saudar todos os perseguidos e encarcerados nas prisões desta infame República de autênticos reacçãoários, e enviar um fraternal abraço aos seus camaradas de além fronteiras que igualmente sofrem a mesma tortura dos governos dos seus países».

Estava votada a greve geral por todas as classes organizadas. Ela teve o seu início na manhã de ontem. A União dos Sindicatos Operários fez distribuir a seguinte proclamação:

«Aos operários conscientes de Setúbal—Não podendo a organização operária de Setúbal permanecer por mais tempo indiferente às prepotências vis da reacção organizada, que, de momento a momento vem semeando a dor nos lares daqueles que têm a desdita de serem orientadores da organização operária, os quais para maior crime de lesa-humanidade tem sido deportados para as inhospitas terras africanas, alcunhados pela imprensa de baltício de «legionários vermelhos», para satisfação dos instintos ferozes dos tiranetes de pacotilha de todos os matizes, a União dos Sindicatos Operários interpretando as resoluções das associações operárias, apela para todos os trabalhadores para que altivamente abandonem o trabalho, aderindo à greve pelo regresso à metrópole, dos operários deportados, e bem assim não o retomem sem que o nosso camarada João Maria Major, arbitrariamente preso, pelo único «delito» de exercer o cargo de redactor do nosso jornal, a «Voz Sindical», seja restituído à liberdade.

Setúbal, 8 de Junho de 1925».

Logo que se tornou conhecida a greve, o operariado correspondeu galhardamente. Todas as classes organizadas abandonaram o trabalho, calculando-se em 6000 os grevistas. Apenas uma insignificante minoria não secundou a greve.

Com as demarches a realizar calcula-se que o movimento seja hoje absolutamente geral. Todas as fábricas estão fechadas e o movimento marítimo também paralisa.

Ainda não se registou o mais leve incidente, exactamente porque a força pública ainda não interveio.

Ontem à noite chegou a Lisboa uma comissão da União dos Sindicatos Operários de Setúbal que hoje, acompanhada de delegados do Conselho Jurídico da C. G. T. tratará junto das entidades competentes da libertação de João Maria Major.

Quando apreciávamos os acontecimentos, deparou-se-nos um delegado da referida comissão. Cumprimento de estilo e logo a pergunta inevitável:

—Então o que há em Setúbal?

—Um movimento grevista de protesto contra as deportações.

Com esta seca frase o nosso camarada tinha dado por finda a conversa. Nova pergunta, nova insistência porque era necessário conhecer pormenores.

O nosso entrevistado, convencido dessa conveniência, acrescenta:

—As deportações são a causa do movimento como já disse. Convém também não esquecer que o operariado não pode olvidar a prisão de João Maria Major. E uma infâmia que não pode conceber-se sem o nosso protesto.

—Mas a prisão de Major tem alguma correlação com o movimento de protesto?

—Eu lhe explico. A Voz Sindical da qual o preso é redactor principal apreciou num dos últimos números a atitude do delegado do governo que, devo dizer-lhe, é tudo quanto há de mais servil em relação às conveniências políticas e financeiras. Major era um obstáculo à sua política.

—Com o movimento de protesto em perspectiva, fácil se tornava ao delegado do governo inutilizar o seu adversário. Bastava que fizesse lançar sobre ele a acusação de agitador. Posto em acção este ardil o nosso camarada foi preso.

—Aqui tens, meu caro, a razão porque o Major foi preso.

—O movimento foi precipitado com esta prisão?

—Como é natural. Não era para segunda-feira que ele estava marcado. Mas o delegado do governo assim o entendeu...

O nosso interlocutor manifesta nova escusa, não queria falar mais. Horrível-o-a popularidade...

Era forçoso ainda um pormenor. Não resistimos à tentação.

—E o movimento manterá as tradições revolucionárias de Setúbal?

—E' difícil a resposta. Todavia posso garantir-lhe que a atmosfera que se respira em Setúbal autoriza-me a responder-lhe afirmativamente. Não quer isto dizer que o meu barómetro consiga o máximo de precisão...

—A vida de Major foi respeitada?

—Foi. Não o maltrataram, mas deram-lhe à prisão um aspecto algo gótico. Além da prisão passaram uma rigorosa busca à sua residência, nada sendo encontrado. Nem explosivos, nem documentos comprometedores.

«Na sua casa havia apenas uma velha cegonha que ficou conternada com o bulício que a prisão envolveu. E não via. Se visse...

Estava terminada a entrevista. São bem eloquentes as declarações deste camarada, e por elas se avalia o valor do movimento do operariado de Setúbal.

Loucura furiosa

LONDRES, 8.—Segundo comunicam de Ontário, um canadiano atacado subitamente de loucura furiosa, matou a tiros de revólver a mãe, cinco filhos, o irmão e a cunhada.

A guerra de Marrocos

RABAT, 8.—O posto de Bibabe foi novamente atacado pelos rifenhos, que foram repellidos.

No centro, o grupo do coronel Freydenberg libertou o posto de Sker.—(L.)

NO LICEU DE CAMÕES

O Congresso do Partido Democrático

tem decorrido com certa agitação.

Apesar da afirmação de que não há direitas nem esquerdas, as duas correntes têm-se degladiado...

Anteontem, devido a ser domingo, aumentou bastante o número dos que tomaram parte no Congresso Democrático. O vasto ginásio do liceu de Camões encontrava-se verdadeiramente apinhado, vendendo-se muitos congressistas empoleirados nos aparelhos de ginástica e encostados às duas grandes mesas: a da imprensa, quasi impedindo os jornalistas de escrever, e da presidência quasi impedindo os jornalistas de escutar os oradores.

A sessão da tarde foi presidida pelo dr. sr. Domingos Pereira, que num pequeno discurso apela para a disciplina partidária e apresenta um regulamento orientando o andamento dos trabalhos.

A seguir foi aprovado que uma comissão procurasse o dr. Magalhães Lima para lhe notificar as saudações do congresso.

O sr. Tavares de Carvalho apresenta uma moção que é um hino caloroso ao dr. sr. Afonso Costa—aquele dr. Afonso Costa que abandonou a direcção do partido democrático para tratar, em Paris, dos interesses do Banco Ultramarino. Essa moção é a prova da existência entre os democráticos dum sebastianismo mais deplorável e mais risível do que o sebastianismo puro.

Nessa moção o sr. Tavares de Carvalho propõe que o dr. Afonso Costa venha de Paris, chefiar o governo que suceda ao actual.

O sr. Brochado Coutinho é que não esteve com cerimónias e começou zurdindo os «vultos eminentes» do partido por se demorarem, mais do que marca o regulamento do congresso presente, no uso da palavra. Os congressistas acham que o orador está a magoar os vultos e magoou-o a ele, com uma violentíssima pateada.

O orador não se arreceia e continua zurdindo nos «vultos» gritando que para a outra vez não escolham para deputados indivíduos que não põem os pés no parlamento.

Os congressistas, desta vez, aplaudem. O sr. Barbosa de Carvalho diz que isto de direitas e de esquerdas é uma treta que rece de significação. Só existe na sua opinião: o partido democrático. Isto é que não é uma treta. Apresenta uma moção aconselhando cuidado na escolha dos novos deputados. O padre sr. João Gaspar não deve agradar às «Novidades». Calculem os leitores que ele até pediu—pediu, especialmente, vincando bem a sua grande preocupação, que a lei da separação seja respeitada ao máximo.

Um congressista entusiasmado:—Isto é que é um padre às direitas...

...O que quer dizer que é um padre das esquerdas.

O sr. padre depois de repetir, com grande insistência que quer ver respeitada a lei da separação, dá, no meio do entusiasmo de muitos congressistas, a sua palavra de honra em como o Afonso vem de Paris para se «sacrificar» pela república.

A seguir a palavra de honra apresenta uma moção no sentido do grande Afonso vir chefiar o primeiro governo que se forme.

Ao entrar em discussão o relatório do directório do partido o sr. Velhinho Correia ressalva para as questões financeiras, falando por largo tempo sempre a demonstrar que percebe muito sobre elas. Elogia o governo Alvaro de Castro pela orientação que seguiu em matéria financeira.

O sr. Marques-Faria talvez para demonstrar o seu espírito anti-democrático defende largamente a ideia de que os governos devem viver fora da influência, da vigilância e das indicações do directório, para poderem, com a maior liberdade, exercer a sua acção.

Uma parte do congresso protesta contra essa doutrina.

O sr. Oliveira Leão tem uma fisionomia de antigo conselheiro da monarquia e uma maneira conselheiricamente de se exprimir. A certa altura, com a sapiência dum luminoso Pacheco, profere:—Os novos pedem: para a esquerda e os velhos dizem: fiquemos na direita.

Um congressista: Menos eu que sou e só pelas esquerdas; sou ilhéu e canhoto.

O sr. Leão depois de acabar as suas acuradas considerações, senta-se pondo-se a escutar o dr. Santos Silva, do Porto, que citava o relatório do directório que considera uma miséria nota de reportagem, feitas por um mau reporter.

Diz depois que não há direitas nem esquerdas, mas o programa do partido que é necessário pôr em prática e apresenta esta moção que, na íntegra, reproduzimos:

«Nesta hora grave da vida nacional o P. R. P., afirmando que a sua política se deve exercer democraticamente, com a colaboração de todas as classes, procurando realizar uma larga acção social que dê satisfação às mais urgentes reclamações das classes operárias na sua justa ansia de conquista de uma melhor situação moral e material, proclama ao mesmo tempo que diligenciará realizar essa acção com as suas próprias forças, ou aliado somente aos partidos políticos que vivem dentro do regime parlamentar republicano e pretendem a conquista do poder usando do direito de voto, negando-se, portanto, em homenagem a esses princípios, a aliar-se com os organismos políticos que, como a Confederação Geral do Trabalho, proclamam a acção directa das classes sindicadas como meio único a opor ao regime representativo parlamentar, que com ardor combateu. O congresso afirma ainda o mais profundo respeito pelas sagradas liberdades de associação e de reunião.»

O sr. Rodrigues Gaspar ataca o directório do seu partido, afirmando que ele se portou mal com o governo a que presidiu. Deitaram-no abaixo, no parlamento, votos dos seus próprios correligionários. Apesar disso foi derrubado por uma questão de 3 votos e devido a não estarem presentes muitos deputados que depois protestaram contra a sua queda.

O sr. Pestana Júnior defende o directório das arguições do sr. R. Gaspar, afirmando a seguir que a república, na frase de João Chagas, tem de ser radical ou não subsistirá.

Não quer combinações híbridas com a C. G. T. que não é um organismo político, mas igualmente as não quer com monarquicos.

Replicando a um aparte, afirma que acha necessário e oportuno manter-se a embaixada no Vaticano. Os democráticos—afir-

INQUILINATO COMERCIAL

Os Armazens do Chiado

São vítimas duma acção intentada pelos seus senhores, na qual não têm razão de espécie alguma

Como esta questão vem ameaçar os interesses de todos os inquilinos

Está-se agora tratando nos tribunais dum caso sério de inquilinato comercial, que foi intentado contra os Grandes Armazens do Chiado pelos senhores do seu edificio—sede, os srs. viscondes de Santarém, condes de Bobone e condes da Ponte.

A imprensa não podia passar despercebido um caso desta natureza, porquanto ele é de molde a levar a intranquilidade a muitos inquilinos que, no caso dos Grandes Armazens do Chiado, se ariscariam a cair na ruína devido só aos caprichos e má vontade dos senhores.

Já aqui há algum tempo, se não estamos em erro, se ventillou um caso semelhante nas colunas dos jornais. Dessa vez estava em jogo a considerada firma Eduardo Martins & C., que também, por estulta e despropositada imposição dos senhores, esteve na emergência de ser vítima dum feroz e iniqua perseguição.

Tal qual como dessa vez, os jornais não podem deixar de verberar, hoje, a questão em que subitamente se viram envolvidos os consideradíssimos e conhecidos Grandes Armazens do Chiado, apresentando à opinião pública, sem subterfúgios nem falsos argumentos, o verdadeiro e irritante aspecto da questão.

Antes, porém, consintamos os leitores que lhes digamos que o juiz do Tribunal do Comércio, sr. dr. Aires de Castro, a quem o processo em questão foi submetido a julgamento, condenou os Grandes Armazens do Chiado a pagar aos insaciáveis senhores uma renda aumentada. E esta sentença, a todos os títulos iniqua e vexatória, como abaixo demonstraremos, teve logo gentil acolhimento nos jornais A Época e Correio da Manhã, que de chapa publicaram uma local de regosio que terminava assim:

«E quanto aos inquilinos que tenham a seu cargo as contribuições e outros encargos, julgou a dita sentença e julgou bem, que esses inquilinos têm a sua compensação na diferença da renda convencional, renda que seria necessariamente maior se tais encargos tivessem ficado a cargo dos senhores.»

E esta a segunda decisão do Tribunal do Comércio de Lisboa neste sentido, sendo de esperar que a jurisprudência dos Tribunais se acentue no mesmo sentido que o legal e justo.

Ora esta sentença não tem tal as virtudes e as qualidades que os dois jornais citados unanimemente reconheceram e procuraram salientar. Ela é, pelo contrário, digna da melhor atenção por parte de todos os inquilinos, sendo um péssimo precedente para assegurar a tranquilidade de todos os que habitam em prédios que não são seus. Vejamos porque assim é.

O prédio onde estão instalados os Grandes Armazens do Chiado foi arrendado a estes, por contrato celebrado em 28 de Abril de 1904, e que devia terminar em 31 de Dezembro de 1923, pela renda anual de contos 19.200\$00. Antes desta última data, contudo, em 4 de Janeiro de 1909, foi celebrado novo contrato entre a firma locatária e os senhores, pelo qual o arrendamento foi prorrogado por mais 15 anos, passando a renda a ser, até 31 de Dezembro de 1923, de 22.200\$00, e daí para diante de 30.000\$00.

Em ambas estas escrituras ficou consignada a obrigação pesada dos Grandes Armazens do Chiado pagarem a contribuição predial e todas as contribuições que, de futuro, recaíssem sobre o prédio. E além disto (que já não era pouco), a pagar o prémio do seguro fixado pelos senhores e ainda a fazer todos as despesas necessárias de conservação.

E, como se vê, um arrendamento de carácter muito especial, e a que os Grandes Armazens do Chiado se viram constrangidos por imposição suprema dos senhores, que assim asseguraram uma óptima remuneração ao capital, pouco se importando com os interesses da firma locatária, a quem negava o direito de pedir, fosse quando fosse e em que circunstância fosse, diminuição da renda.

Pois os srs. viscondes de Sacavem, condes de Bobone e condes da Ponte, assim que foi promulgada a lei 1368 intentaram logo uma acção contra os Grandes Armazens do Chiado, procurando condemná-los a

da que por pouco tempo, fazer-se ouvir. Diz que o relatório do directório é um documento inferior.

O orador lê um documento no qual o actual dirigente da política democrática da Póvoa de Varzim, Manuel Pereira dos Santos, se confessa monárquico.

Referindo-se ao dr. José Domingues dos Santos afirma que o seu governo caiu porque era inimigo da ordem.

Levanta-se grande tumulto que abafa a voz do orador. Este, num breve intervalo, grita:

—Os que vêm aqui estabelecer a desordem...

Rompem protestos. Um congressista:—Aqui não há desordens, há congressistas.

O tumulto prossegue, levantando-se alguns congressistas a aplaudir o sr. Lança enquanto a maioria o patcia.

No meio do barulho o orador quasi se não ouve. Percebe-se vagamente que ele ataca o esquerdismo embora decrete não acreditar na sua existência.

Como o tumulto não cessa, o sr. Lança termina o seu discurso.

O sr. Vitorino Godinho fala do caso de Amarante.

O sr. Alfredo Guizado saúda o dr. Alvaro de Castro que no 18 de Abril veio afirmar a sua solidariedade para com o partido democrático.

E' necessário—diz—que os dirigentes se não esqueçam do que prometem aos seus humildes correligionários quando lhes vêm pedir votos.

As comissões políticas querem que se respeite a lei da separação, e esta está esfragalhada. Elas pretendem também que o escudo seja valorizado, que a lei do inquilinato traga a tranquilidade ao lar e o saneamento das repartições públicas e do exército.

Elogia o sr. Rodrigues Gaspar por ter

ULTIMAS NOTICIAS

O CONGRESSO DEMOCRATICO

A sexta sessão decorreu muito agitada.—O congresso aprova a obra do governo

Presidida pelo dr. sr. Mário Forte, iniciou-se, ontem, pelas 21,30, a 6.ª sessão do congresso democrático. O presidente propõe uma saudação aos aviadores que chegaram a realizar o «raid» Lisboa-Chiengo.

António Alves da Cunha Junior, das Caldas da Rainha, cita inúmeras imoralidades cometidas nas escolas daquela localidade, em que é perseguido o inspector por se recusar a aprovar horários de acumulação de lugares, e pergunta se vale a pena alguém sacrificar-se pela República, pois aquele inspector, tendo-o feito, pelo próprio ministério da Instrução é perseguido por ser honesto.

O presidente avisa-o que terminaram os cinco minutos que cada orador tem para falar.

—Fale, fale, fale—exclamam de todos os lados do congresso.

O orador continuando diz não haver nas Caldas bonzos nem canhotos, mas operários e intelectuais, e, a propósito, ataca vários actos destes.

Cita o facto de Carlos Correia da Silva, que o partido colocou em secretário da administração do concelho, não prestar nunca serviço algum ao partido e termina com um viva à união do P. R. P., que o congresso corresponde.

Abel Teixeira Pinto apresenta uma moção pela qual o congresso «resolve recomendar ao governo a rigorosa aplicação do imposto de turismo à reparação de estradas e ainda que a cada concelho seja rigorosamente entregue a importância cobrada nele».

Eugénio Casimiro diz que sendo o partido democrático o de maiores responsabilidades na república não pôde dividir-se.

António da Cruz apela para os seus camaradas de todas as revoluções, da leva da morte e do forte da Graça, em Elvas, para que não levem as coisas a brincar como os outros pois que «isto não passa de uma brincadeira»—diz.

Custa-lhe a compreender que um parlamento republicano tivesse derrubado o governo que defendia a ordem, e que não tivesse ligado importância à manifestação de 10.000 pessoas que foi do Terreiro do Paço a Belém, junto do presidente da república.

Quem tem estado no poder são os republicanos, mas quem tem mandado são os monárquicos—afirma, respondendo-lhe o Congresso com prolongados aplausos.

Os governos não têm cumprido os programas, talvez por, devido ao pouco que duram, não terem tempo para conhecer os ratos de ministério, que quando algum republicano procura um ministro lhe vão dizer: «Está lá fora um arruaço, o viu dizer: «chato» qualquer»...

Refere-se às lutas de bonzos e canhotos. Aplaudem-no. Pretendem que não continue. Grita-se:

—Fale, fale, fale.

Tinha uma moção para apresentar, mas como é uso as moções fiquem para o cesto dos papéis não a apresenta.

Refere-se às ameaças de ditadura militar e ao movimento 18 de Abril.

Nova balbúrdia.

—Fale, fale, fale!

—Ordem, ordem, ordem!

Depois de uns minutos de pateada entra-se na ordem da noite.

Há 11 oradores inscritos para antes da ordem que o presidente pretende que não falem, o que provoca outra gritaria, protestos, aplausos, chamadas à ordem, etc., etc.

Tem a palavra Almeida Santos. Vai falar sobre o relatório do directório e logo de todos os lados do congresso surgem protestos.—O relatório já foi discutido. Gritaria. Pateada.

Almeida Santos vai de novo a falar. Mais pateada, mais gritos, mais protestos. A desunião do partido—afirma Almeida Santos—não pôde partir do governo.

—O relatório já foi discutido!—gritam congressistas.

Almeida Santos consegue enfim explicar que fala agora sobre o relatório por não o ter podido fazer na devida altura e apresenta a moção seguinte, que tinha para apresentar:

«O congresso, reconhecendo que o relatório firmado por «O Directório», além de não representar a opinião unânime deste alto corpo dirigente e de ser manifestamente factício e injusto para algumas altas individualidades do partido e que a República tem prestado valiosos serviços e admirável abnegação, não está de harmonia com a expressão da opinião do n.º 8.º do art. 27.º da lei orgânica, resolve retirá-lo da sua apreciação e, passa a outros trabalhos que sejam de maior interesse para o partido, para a República e para a nação.»

O capitão sr. Manuel Joaquim de Oliveira, no meio de grande sussurro, falou sobre a falta de assistência pública e apresenta uma moção referente ao assunto.

Tem a palavra António Maria da Silva. Palmas. Pateada. Campanhadas.

Cinco minutos depois de lhe ser dada a palavra o sr. António Maria da Silva consegue o desejo almejado de falar. Faz o elogio de João Chagas.

Afirma que o P. R. P. não é conservador nem bolchevista, é um partido evolutivo, um partido da vanguarda.

Não é das esquerdas nem das direitas. Não quer colaborações com os inimigos do regime, nem com os avançados. Não é vassallo nem consciente nem inconsciente da terceira internacional de Moscú—diz.

Tem a palavra o sr. Velhinho Corrêa.

Grande sussurro.

—Ordem, ordem!—grita. O sussurro continua.

Um congressista dá três formidáveis bengaladas na mesa (no móvel, não nos membros) para chamar o congresso à ordem.

O presidente toca a campainha.

A um lado da sala junta-se um grupo a discutir.

Velhinho Correia continua falando no meio do sussurro, de apoiados, de palmas.

Tem a palavra Paulo Caldeira. Do seu discurso apenas se percebe o esbracejamento. As palavras são abaladas pela balbúrdia que agora domina o congresso.

Consequimos enfim ouvir umas frases soltas:

—E' preciso exigir muito juízo aos dirigentes.

—Não basta vir aqui apregoar a união. Tem de juntar-se actos à palavra.

—«Há quem «afine» comigo por me dizer filho do povo»

Fala o presidente do ministério no meio do mesmo barulho que o orador antecedente. Chama exímio patriota ao sr. António José de Almeida.

Pretende saber se o congresso aprova a orientação tomada pelo governo, cuja acção defende, manifestando-se o congresso rudemente de acordo com ela, com palmas, vivas, etc.

Eram 1,15 horas de hoje ia entrar-se a discutir o local onde se realizará o congresso seguinte.

Continuava-se procedendo à eleição do directório, que prometia demorar ainda bastante tempo.

Comemora-se hoje o dia das Escolas Elementares Técnicas

Realiza-se hoje, pelas 21 horas, no Instituto Superior de Comércio, a comemoração do «Dia das Escolas Elementares Técnicas», promovida pela Federação Académica Industrial e Comercial Portuguesa.

Esta celebração, que ficou resolvida no 2.º Congresso dos Alunos das Escolas Industriais, Comerciais, Preparatórias, de Artes e Ofícios e Arte Aplicada, realizado no ano passado em Coimbra, tem como único objectivo o engrandecimento do Ensino Técnico e o estreitamento das relações entre o Professorado e a Academia.

Usarão da palavra, além de outros, os dres. João Camões e Adriano Castanhão, engenheiro Plínio da Silva, o delegado da Federação sr. Arnaldo Júlio Vieira e o ministro do Comércio.

Estão convidados a assistir o Presidente da República, o governo, parlamentares, todos os directores e professores das Escolas Técnicas de Lisboa, etc., etc.

A federação solicitou do ministro do Comércio tolerância de ponto nas Escolas Elementares Técnicas a fim de os srs. professores e alunos ali acorrerem em grande número.

A guarda de honra será feita pelo Grupo n.º 2 dos Escoteiros de Portugal (Escola Preparatória de Rodrigues Sampaio) e os convidados serão recebidos pelos srs. Arnaldo Júlio Vieira, José Manuel Lopes da Costa, João Guilherme de Carvalho Duarte, Vicente Paulo Martins, Alexandre Barata, Rogério Dias Pereira e Vasco da Rocha Cosme membros da Comissão Administrativa da Federação.

A morte do «boxeur»

Realiza-se hoje o funeral do infeliz Kid Augusto

No Instituto de Medicina-Legal, sob a presidência do juiz auxiliar dr. Alfeu da Cruz, e com a assistência do escrivão José Marques, servindo de peritos os dres. Ferreira Marques e Neves Sampaio, realizou-se ontem a autópsia no cadáver do «boxeur» Kid Augusto, não tendo ficado ainda ontem concluído o respectivo relatório. O seu funeral efectua-se hoje à tarde, segundo o ferrete para o Porto.

TIVOLI

— AS 8,45 —

NANON

(Episódios do corte de Juiz XIV)
Comédia em 3 actos, com a

CONDESSA INÉS ESTHERRAZY

É um «film» feito de pitoresco e de elegância em que os costumes do reinado do Rei Sol foram desenhados com espirito e uma ponta de emoção.

Pamplinas, campeão de tiro

Cine-faça em 2 partes
Nova criação de BUSTER KEATON

Torcatto em perigo

Cine comédia em 3 partes de Miffi Sennett com HAROLD LATUDOR

Uma revista de actualidades

VIDA ANARQUISTA

Grupo Terra Livre—Reúne hoje, pelas 21 horas prefixas.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Sapateiros Lisbonenses—Reúne hoje a assembleia geral, pelas 20 horas.

Teatro São Luís

CHIC-CHIC

HOJE

As 9,30 da noite

A sugestiva revista em que entra

MADemoiselle ALEXIANE

que interpreta arietas belissimas

Novas canções por

MERCEDES SERÓS

ESPECTACULO DE GRANDE SUCESSO

TEATRO NOVO

NO PALACIO TIVOLI

HOJE

EMOCIONANTE ESPECTACULO COM O SUGESTIVO

KNOCK

OU A

VITORIA DA MEDICINA

ÓPTIMA INTERPRETAÇÃO

CONJUNTO HARMONIOSÍSSIMO



O II Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores

Relato circunstanciado das sessões celebradas em Amsterdão

Um importante discurso de Rodolfo Rocker

O sindicalismo revolucionário é um movimento de classe e está como tal no terreno da luta revolucionária de classes e da acção directa. A sua missão é dupla: por uma parte aspira a melhorar o mais possível a situação dos trabalhadores dentro da ordem social capitalista e a proteger o trabalho contra os ataques dos exploradores e do Estado, mediante o emprego dos meios revolucionários de luta, como a greve, o boicote, a sabotagem, etc. Por outro lado, considera como seu fim mais elevado abrir caminho para uma nova ordem social de coisas e entrar praticamente no caminho que levará a pôr nas mãos do povo laborioso a administração de toda a vida social e económica. É essa a missão que imprime o seu cunho especial ao sindicalismo revolucionário e a que revela a sua significação histórica para o futuro, pois só nas organizações económicas, inspiradas pelo espírito revolucionário, se poderá preparar a reorganização da sociedade e adoptar uma estrutura firme num certo momento. É ao mesmo tempo comunidade de interesses e de ideias e combate profundamente todo e qualquer dualismo no movimento operário que aspira a revestir as aspirações espirituais dos trabalhadores e a defesa dos seus interesses económicos e sociais com formas especiais de organização.

Se o sindicalismo revolucionário aproveita todas as possibilidades para satisfazer as necessidades momentâneas dos trabalhadores e aspira sempre às acções directas para conseguir um melhoramento das suas condições económicas ou determinadas vantagens no domínio político e social, isso acontece na suposição de que mediante tais concessões se produzem para os trabalhadores certos benefícios momentâneos, não obstante em nada se modificar a sua condição de escravos do salário. Por tal motivo essas lutas cotidianas devem ser sempre dirigidas, indicando o grande objectivo do movimento e ser consideradas por assim dizer como escaramuças da vanguarda para a sua libertação definitiva, que só se conseguirá na luta contra o capitalismo e a autoridade do Estado. É essa atitude que distingue radicalmente o sindicalismo de todas as tendências reformistas tanto pelos seus fins como pelos seus métodos.

Mas as lutas cotidianas para a conquista do pão quotidiano e o melhoramento da situação geral da vida têm também outra significação que lhe dá um alto valor ético. São a melhor escola educativa para os trabalhadores, para o emprego e o aprofundamento dos seus sentimentos sociais e das suas iniciativas pessoais nos quadros da ajuda recíproca e da cooperação solidária. Assim se converte o sindicato em lugar de educação para a contínua evolução das capacidades intelectuais e morais do proletário e em campo de acção para o desenvolvimento das suas melhores qualidades sociais e individuais. A organização económica de luta transforma-se dessa maneira para ele, em avançada das suas lutas constantes contra os poderes da exploração e da opressão e ao mesmo tempo em parte para chegar do inferno do sistema de Estado capitalista ao reino do socialismo e da liberdade.

Pela ideologia dos sindicalistas revolucionários é fácil compreender a atitude da A. I. T. em frente das tendências do movimento operário. É inegável que as federações nacionais que integram a A. I. T. representam uma tendência especial no movimento operário, tanto pelo que se refere à finalidade, como pelo que se refere aos métodos com a ajuda dos quais aspiram realizar essa finalidade.

EM DEFESA PRÓPRIA

Carta aberta sobre uma iniquidade

AO EX.^o MINISTRO DA JUSTIÇA

Ex.^o Senhor:—Quando em 1921 o signatário desta carta cumpria a pena em que foi condenado na Comarca de Valpessos por ofensas corporais, manuscrita uma folha em papel almanco, dando-lhe o carácter de jornal semestral que circulava na Cadeia da mesma Comarca, aludindo nele algumas vezes ao respectivo carcereiro que por esse facto chegou a ser repreendido pelo respectivo dr. delegado e daí o ódio desse carcereiro à sua pessoa.

Em Junho daquele ano surpreendeu-me, carcereiro, o recluso José Augusto Dias, quando este serrava uma grade da prisão e aprendeu-lhe algumas folhas de serra que, porém, esse delicto ao signatário que veio a ser punido injustamente com seis dias de segredo, onde o mesmo carcereiro por diferentes vezes o agrediu com um marmeleiro.

E como se tanto não bastasse à sua mesquinha vingança logo souhou com a existência dum fantástico cartucho de dinamite oculto num buraco da prisão, atribuindo a sua propriedade ao signatário, sua vítima, o qual, sendo interrogado pelo escrivão de direito na presença do sr. dr. delegado da Comarca, respondeu que não sabia coisa alguma acerca do tal cartucho e que das serras só no dia da sua entrada no segredo tivera conhecimento, por ouvir dizer.

Como quer que a vingança do rancoroso carcereiro não afofocasse e a pesar de ter a sua família em Valpessos foi o signatário obrigado a pedir transferência para a cadeia do Porto, sendo atendido pelo sr. dr. delegado.

Tendo o signatário requerido o indulto em 1922 foi o requerimento a informar à Comarca acima indicada e nessa informação se aludiu ao suposto delicto de fabrico de bombas, pelo signatário, o que este atribuiu à vingança do já citado carcereiro,

Estamos convencidos que a libertação da classe operária unicamente pode realizar-se pelos meios que nós propagamos constantemente entre as massas e por isso devemos sempre ter em conta a independência orgânica da A. I. T. em todas as circunstâncias, se não queremos destruir, por outro lado, com as nossas próprias mãos, a obra que criámos.

É verdade, não queremos considerar os trabalhadores associados em outros campos do movimento operário internacional, como nossos inimigos. São nossos irmãos de classe e nossos companheiros de dor, que sofrem sob o mesmo jugo e que todos nós temos interesse em trazer para as nossas ideias. A nossa atitude perante esses trabalhadores é sempre inspirada em sentimentos de solidariedade de classe e devemos tender sempre a criar neles a certeza de que em todas as grandes lutas originadas pelo capitalismo e o Estado, podem contar conosco.

Numa palavra: sentimo-nos ligados, pelo laço de classe, aos trabalhadores de todas as tendências e partidos, adentro do movimento socialista geral.

Já a nossa atitude é diferente para com as organizações a que esses trabalhadores pertencem; agora trata-se de conformações espirituais e de promessas, tácticas radicalmente distintas, que não só criticamos, como devemos combater ferozmente, porque as experiências de largos anos e a mais íntima convicção, nos indicam que essas aspirações são um obstáculo directo à emancipação da classe operária.

Por tanto a nossa atitude perante os modernos partidos operários é bem distinta. Já os nossos precursores do tempo da primeira Internacional tinham predito aos portavozes da acção parlamentar que a sua fécula levaria necessariamente a um completo abandono dos princípios socialistas e a «aburguesamento» de todo o movimento. Hoje vemos em toda a linha, que esses temores não carecem de fundamento.

Os próprios indivíduos que entraram na luta para conquistar o poder político, apenas têm este resultado a assinalar: que, há muito tempo, a sua política conquistou o seu socialismo.

Os chamados partidos operários começam, na sua juventude, a considerar o parlamentarismo como meio de agitação e a maioria deles, especialmente na Alemanha, combateram radicalmente toda e qualquer colaboração positiva no parlamento. Mas, do «parlamentarismo negativo», surgiu por si mesmo, mais tarde, a colaboração positiva na legislação e quando se chega a este ponto o resto vem com fatal consequência. O revisionismo, que se pronunciou primeiramente pela participação dos socialistas nos governos burgueses, foi ao princípio fortemente combatido e o congresso socialista internacional de Paris em 1900 aprovou aquela famosa resolução de Kautsky, na qual se declarava que «a social-democracia não pode aspirar a uma participação no governo dentro da sociedade burguesa». Desde então o quadro modificou-se completamente. O revisionismo venceu em toda a linha e os partidos socialistas operários de todos os países estão hoje tão confundidos com as instituições dos Estados nacionais burgueses, que devemos tomá-los por elementos integrantes dos mesmos e deixá-los fora da nossa consideração como factores favoráveis às aspirações de uma emancipação internacional dos trabalhadores das correntes do salário e do Estado de classes.

(Continua)

uma vez que a referida informação carece em absoluto de fundamento.

Em 1923 o signatário encarregou uma pessoa da sua confiança de expor detalhadamente ao dr. sr. Delegado os motivos do ódio que lhe tinha e tem ainda o carcereiro de Valpessos, donde veio a informação favorável que valeu ao signatário a comutação do resto da sua pena, pelo que logo saiu solto e livre, vindo dali o alvará ou mandado de soltura, o que prova que o signatário estava isento de culpa, de contrário de lá teria vindo participação nesse sentido, como é lógico e de primeira intuição.

E sucedeu assim porque a autoridade administrativa e magistrados de Valpessos já conheciam o signatário e sabiam de que se tratava. Substituída essa autoridade e sendo hoje outros os magistrados também substituídos da comarca de Valpessos, não foi difícil ao carcereiro abusar indignamente da sua boa fé e sabendo bem que o signatário não pode ser condenado pelo delicto que inventou o carcereiro fez este de maneira que o julgamento do signatário seja demorado o mais possível para o que envolveu no processo o dito José Augusto Dias, evadido da cadeia de Mirandela no mesmo dia em que para ali foi removido, isto é, em 22 de Junho de 1921.

Pronunciado como está o signatário e sem admissão de fiança, carece apenas para ser julgado da separação do processo, o que devido à maquiavelica acção do carcereiro, só muito tarde se conseguirá, não sendo que «V. Ex.», dignando-se a intervir no caso sujeito, haja por bem determinar o contrário:

Os proventos do signatário pelo seu trabalho não chegavam a 2.000\$00 por mês, sendo absorvido pelos seus encargos de família. A sua única fortuna era a liberdade na observância dos bons costumes. A sua vida está em perigo, sob o domínio esmagador duma acusação grave e infundada e ainda em consequência dos efeitos da greve da fome a que se submeteu e que deixou de manter quando lhe deram a certeza de não ser transferido para Valpessos, como se pretendia e onde certamente iria acabar as mãos do seu rival e irreductível perseguidor e carrasco.

Em V. Ex. reside a derradeira esperança do infeliz que pede e espera rápida justiça.

António Sebastião de Barros
(Pessoa na Cadeia Civil do Porto)

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

A' volta da unidade sindical na Bélgica

Os políticos reformistas, que se encontram à frente dos sindicatos belgas, compreendendo que os maneios «unitários» dos comunistas têm simplesmente por objectivo o destroná-los e conquistá-los os lugares privilegiados, excluíram dos sindicatos a maior parte dos militantes moscovitários.

Isto deu lugar a vários protestos, tendo alguns operários metalúrgicos de Bruxelas dirigido uma circular aos membros do seu sindicato, para que lutassem «unitariamente» contra estas exclusões.

E será sempre desta forma que será realizada a unidade das forças operárias, enquanto no seu seio manobrem políticos amarelos ou vermelhos, para os quais a unidade consiste unicamente na submissão total das massas trabalhadoras à sua vontade omnipotente.

Nas regiões mineiras dos Estados Unidos

Impressões de José Marinho por ocasião da sua tournée de propaganda por vários estados da América do Norte.

«De Welch, escreve ele, passamos a Lynch, Ky. A povoação é toda propriedade da United States Steel Corporation, e conta 15.000 habitantes. Dêstes quinze mil calcula-se que trabalham somente três mil, de cujo trabalho vive o resto. Existe ali um «semi-selvagismo», como produto natural da bárbara imposição dos potentados.

Nas noites que ali estivemos ouvíamos, até quando estávamos na cama, continuamente disparar armas de fogo. Os trabalhadores desta povoação são mais arrogantes e decididos que os de muitas localidades de Virgínia Ocidental, que se deixam espancar e maltratar pelos esbirros dos patrões.

No prazo de três meses assinaram o «passaporte» com viagem grátis para a eternidade a três chefes de polícia. Os trabalhadores de língua inglesa são os mais fieis à Companhia e a maioria desempenha o papel de polícias, com autorização não sei de quem, para prender a qualquer delinquente.

Ali não ouvimos entre os trabalhadores esta frase corrente em W. Va.: «Aqui não se pode falar... Não pode ninguém mover-se para fora, que não o saiba o capataz... Oh! se se chega a saber o patrão, etc., etc.» Anunciou-se o «meeting», e posso afirmar que concorreram 85 por cento dos espanhóis ali residentes; e as condições são iguais às de Logan, Mingo e outros condados de W. Va.

As companhias empregam todos os meios de que dispõem para manter os trabalhadores desorganizados, porque assim melhor lhes convém. O pior mal, porém, de todos os males é permitir que dalgum se apodere essa debilidade que se chama o medo.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Bolsa de trabalho e solidariedade da Construção Civil

Para efeito de colocação são convidados os serventes que trabalham de pau e corda e que estão inscritos na lista dos operários sem trabalho a comparecerem hoje, pelas 16 horas, na sede deste organismo.

Sindicato Mobiliário de Faro

FARO, 3.—A assembleia geral do S. U. Mobiliário ocupou-se da crise de trabalho que lava na indústria. A comissão administrativa apresentou uma moção que tinha as seguintes conclusões:

- 1.º—Cumprir integralmente o horário máximo de 8 horas de trabalho por dia;
- 2.º—Não permitir que qualquer operário da indústria execute horas suplementares e comunicar ao Sindicato sempre que se verifique o desrespeito à manutenção do horário;
- 3.º—Evitar o despedimento de qualquer camarada nas oficinas a pretexto de falta de trabalho, tendo sempre em atenção a divisão equitativa do trabalho pelo pessoal das oficinas em que tal facto se der.—C.

A cura das doenças pelas Plantas

3.ª edição—Preço 2\$00, pelo correio 2\$50
Pedidos à administração de A BATALHA

Secção Telegráfica

Federações

MOBILIARIA

Ponte de Sôr.—M. S.—Segue parte do seu pedido.

Delegação Federal.—Porto.—Segue officio; aguardamos resposta.

Sindicato de Braga.—Continuamos aguardando resposta.

Escolas Primárias Superiores

Foi ontem entregue uma representação ao ministro de Instrução

Uma comissão de professores das Escolas Primárias Superiores acompanhada pelo deputado, dr. sr. Tavares Ferreira entregou ontem ao sr. Ministro da Instrução uma representação na qual são expostas várias aspirações da classe, entre as quais a que se refere à obrigatoriedade dos cursos noturnos para professores e ao ingresso nas escolas técnicas elementares dos alunos habilitados com o curso das Escolas Primárias Superiores. O sr. Rodolfo Xavier da Silva prometeu atender o pedido na medida do possível, devendo ir já à próxima assinatura um decreto nesse sentido.

Francês sem mestre por GONÇALVES PEREIRA

1 volume do 400 paginas 1\$500

Pelo correio 1\$6\$50.

Pedidos à administração de «A Batalha».

As perseguições

Na U. S. O. de Evora

EVORA, 5.—Reuniu em sessão magna o operariado citadino a fim de se ocupar das perseguições ao operariado.

Presidiu Francisco Pedro Marques, secretário Elias Gregório e João Santa Bárbara.

A sessão que teve desusada concorrência decorreu no meio de grande animação. Falaram vários operários que expuseram a atitude do governo, sendo no final aprovada uma moção que concluiu assim:

- 1.º. Saudar as vítimas do capitalismo, demonstrando assim o seu absoluto apoio em todos os actos tendentes a demolir esta sociedade;
- 2.º. Preparar-se desde já para secundar qualquer movimento que a C. G. T. ponha em prática, levando-a até onde as circunstâncias o exijam, para os deportados e presos ser normalizada a situação.—E.

Núcleo da Juventude Sindicalista de Silves

Reuniu em sessão magna este organismo para apreciar as perseguições governamentais.

Falaram diversos camaradas sendo aprovada uma moção que concluiu assim:

- 1.º. Manifestar o seu protesto, editando o Núcleo um manifesto ao público exortando-o a preparar-se para uma acção mais energica que faça sentir aos Vitorinos que o povo saberá repelir todas as afrontas à liberdade.

2.º. Que o Núcleo faça sentir a sua acção revolucionária nas sessões dos organismos operários da localidade, fazendo-se representar directamente nas mesmas.

Foi também resolvido officiar a todos os organismos operários da localidade convidando-os a elaborarem os seus protestos e levá-los junto das autoridades desta liberdade e promovendo sessões nas respectivas classes, de preparação para um movimento de carácter nacional.—E.

Mobiliários de Faro

FARO, 3.—As continuas perseguições do governo ao operariado mereceram do S. U. Mobiliário especial atenção.

Foi aprovada uma moção de protesto que termina pelas seguintes conclusões:

- 1.º. Protestar por intermédio do nosso órgão A Batalha contra as prisões e deportação de vários elementos operários;
- 2.º. Manter a solidariedade moral a todos os perseguidos e bem assim prestar a sua colaboração, quando necessária, aos mesmos e à organização operária.

Numa sessão de propaganda em Olhão

OLHÃO, 2.—Reuniu hoje a assembleia geral do sindicato dos marítimos, ratificando o protesto contra as deportações, que a sua direcção tinha enviado à Batalha, estando a classe disposta a coadjuvar qualquer movimento da C. G. T. para este fim.

Assistiu a esta reunião o secretário geral da U. S. O. que em breves palavras fez um incitamento à classe marítima para que fortalecessem o seu sindicato, dizendo que a União vai por estes dias abrir uma escola, podendo nela ingressar todos os camaradas. Demonstra o valor duma associação, referindo-se também às deportações, explicando qual deve ser a atitude do operariado em face destes atentados à liberdade.

Fizeram também uso da palavra João Pereira, Virgílio Tavares e José Pedro, sendo todos unânimes em aconselhar os marítimos a sindicarem-se, pois que só assim poderão ver conquistadas as suas regalias.—C.

As famílias dos deportados

Hoje, pelas 13 horas, devem reunir-se as famílias dos operários deportados para a Guiné, na sede da C. G. T., a fim de se tratar deste momentoso assunto junto de algumas entidades a quem o caso está afecto.

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária
Fogo escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T.
Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor

Preço 1\$00

A revolução Social e o Sindicalismo
POR ARKINOF

Preço \$50

Pedidos à administração de «A Batalha»

HORARIO DE TRABALHO

Um conflito com os soldadores em Olhão

Os soldadores da Fábrica Restauração de José Martins Baptista foram despedidos em consequência de se negarem a trabalhar fora da lei do horário de trabalho. Pretendia o seu proprietário que os soldadores trabalhassem todo o tempo necessário aos desejos do mestre sr. José Frade, sem que fossem acatadas as reclamações do seu pessoal.

Os empregados no comércio de Olhão tomam resoluções

OLHÃO, 5.—Para tratar do cumprimento do horário do trabalho reuniu em sessão magna a classe dos Empregados no Comércio, tendo aprovado uma proposta cujo fim é reclamar a imediata execução desta lei, nomeando fiscais para a vigilância: José Ventura Cuba, Avelino Oliveira, João Vitorino, Ramos Iria, Virgílio Morgado, Santos Valentim, José Tomaz e Francisco Valente. A esta sessão assistiu um delegado da C. G. T. tendo pronunciado um vibrante discurso sobre o assunto em discussão, abordando também a vinda a esta cidade de sr. Cunha Leal.

Em Faro

O Sindicato Único Mobiliário de Faro ocupou-se da forma de fazer respeitar o regulamento sobre o horário de trabalho sendo nomeado fiscais deste sindicato João H. Matias, Camilo Tavares e Luciano L. Ferro.

Federação Ferroviária

Esta Federação, entregou ontem ao Director da Fiscalização dos Caminhos de Ferro uma reclamação sobre a falta de cumprimento do horário de trabalho nas várias redes ferroviárias do país.

Também a mesma comissão procurou o ministro do Trabalho a fim de lhe entregar a referida reclamação, tendo tomado conta da mesma um dos secretários do referido ministério em consequência de na ocasião não poder receber a comissão, que ficou de se avistar oportunamente com o ministro.

Como é respeitado em Torres Novas o respectivo regulamento

TORRES NOVAS, 2.—O último diploma que regulamenta o horário de trabalho, tem sido cumprido parcialmente nas oficinas e totalmente nas fábricas.

Apenas duas ou três pequenas oficinas, que comportam apenas 1 ou 2 operários, o horário é desrespeitado.

O industrial Nery não conseguiu diminuir o salário aos seus operários, mercê da atitude enérgica e decidida empregada por estes. Em todas as outras oficinas os operários receberam o mesmo salário nas 8 horas, que auferiam nas 10, com excepção da firma João Clara & C.ª Irmãos, a pesar de ter prometido aos seus operários pagar pelo preço que o industrial Nery pagasse em virtude da oficina deste explorador ser a que tem maior número de operários.

Os da supracitada firma, que se jactam de boas criaturas e muito amigos dos seus servos, não passam de uns ignóbeis farangotes como o acabam de provar, pois não têm pejo nem lhes move o coração de exploradores e de desalmados.

Fizeram também uso da palavra João Pereira, Virgílio Tavares e José Pedro, sendo todos unânimes em aconselhar os marítimos a sindicarem-se, pois que só assim poderão ver conquistadas as suas regalias.—C.

SOLIDARIEDADE

A favor de Luís Miguel

É no próximo sábado, às 21 horas, que se realiza a festa em auxílio de Luís Miguel, no Salão de Festas da Construção Civil, promovido pelo grupo dramático «Solidariedade Operária», com o seguinte programa: «Scenas de miséria», drama em 3 actos; «Uma Teinra», comédia em 1 acto.

No Salão da Construção Civil

Realiza-se no próximo domingo, no Salão de Festas da Construção Civil, a festa em auxílio dum militante da Secção Profissional dos Pedreiros, levada a efeito por um grupo de amigos.

Os possuidores de bilhetes devem fazer a sua liquidação quanto antes.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

CONSULTAS JURÍDICAS

Hoje, pelas 21 horas, dá o dr. Sobral de Campos consultas jurídicas a todos os operários confederados que delas necessitem, bastando para isso a apresentação da respectiva caderneta confederal em dia.

PROPAGANDA SINDICAL

Cereal do Alentejo

Organizou-se o sindicato rural, criando uma escola e aderindo à federação respectiva

CERCA DO ALENTEJO, 5.—Por iniciativa da Federação Anarquista da Região do Sul, fundou-se em 30 de maio p. passado, em Cerca do Alentejo, a Associação de Classe dos Trabalhadores Rurais de Cerca do Alentejo e arredores, inscrevendo-se nessa ocasião grande número de sócios. Na sua primeira reunião, foi criada uma escola para instrução de seus sócios, deu a adesão à Federação Nacional dos Trabalhadores Rurais e deliberou promover por breve um comício público de propaganda associativa, para o que vai convidar delegados da Federação Rural e C. G. T. Reina grande entusiasmo entre a classe.—C.

Vida Sindical

C. S. T. L. (Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa)

Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão instaladora.

COMUNICAÇÕES

Sindicato da Construção Civil.—Reuniu a assembleia geral em 4 p. p. para tomar conhecimento do regulamento do horário de trabalho, sendo resolvido officiar ao sindicato com o objectivo de serem passados cartões para os fiscais que foram nomeados, os quais terão juntamente com a comissão administrativa uma reunião para efeito de orientação no serviço a seu cargo.

Nomeou uma comissão de três delegados com o fim de percorrerem a área desta secção para verificarem se as construções e reparações de prédios obedecem à estética da cidade e regra profissional.

Foi lida uma carta de Carlos João Martins, que foi preso em Tanger, e que se encontra na cadeia do Limoeiro, sendo nomeado um delegado a fim de verificar se a causa da prisão foi derivada do movimento associativo, para assim a este camarada lhe ser prestada a solidariedade. Por último como estivesse presente o camarada Francisco Jeremias, que fez parte da comissão dos operários sem trabalho, foi por este exposta a atitude que tomou enquanto fez parte desta comissão.

Como pelo decorrer da discussão se tivesse verificado nada haver em desabono deste camarada, foi aprovado um documento que em conclusão termina por lhe ser dado um voto de confiança.

Operários alfaiates.—Realizando-se no próximo dia 14, pelas 14 horas, os exames finais da aula de corte, são convidados todos os alunos a comparecer no dia 11, pelas 21 horas.

Ainda pelo mesmo motivo é convocada a reunir a comissão escolar hoje, às 21 horas, com a direcção e a comissão pró-aniversário, a fim de se resolver sobre o programa comemorativo do aniversário do sindicato.

Manipuladores de pão.—A comissão administrativa pede a todos os cobradores da classe para abreviarem a cobrança, por que terão que prestar contas no dia 15 do corrente.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE:

S. U. Mobiliário.—Pelas 20.30 horas, os corpos gerentes. Os cobradores devem trazer os verbetes para a descarga.

Impressores tipográficos.—Pelas 21 horas, a assembleia geral com a seguinte ordem de trabalhos: Leitura de vário expediente, demissão da direcção e aumento de cotá pró-«Gráfico» e sede.

Secção profissional dos pedreiros.—Esta secção convida todos os militantes a reunir hoje, às 20 horas, para tratar de um caso urgente.

Manufactureiros de calçado.—Pelas 21 horas, em assembleia geral para apreciar o relatório do delegado ao congresso da indústria e o parecer da comissão revisora de contas do 2.º semestre do ano findo.

Federação da C. Civil.—Às 21 horas, a comissão administrativa de «O Construtor».

União dos Cocheiros de Lisboa e seus anexos.—Para tratar de assuntos de máximo interesse para a classe, efectua-se pelas 21 horas a assembleia geral.

Calceteiros de Lisboa.—Assembleia geral pelas 19 e meia horas.

SINDICATOS DA PROVINCIA

U. S. O. de Olhão.—Para continuação dos trabalhos suspensos na reunião de 25 p. p. voltou a reunir em 1 do corrente o conselho geral deste organismo, ocupando-se da questão do pão, resolvendo reclamar um tipo único de pão, tendo ficado encarregado de proceder às demarches sobre este assunto: Alvaro António Gouveia, Virgílio Tavares e José Gonçalves.

Pelos delegados à Conferência Inter-Sindical do Algarve, foi lido o relatório dos trabalhos realizados na mesma, tendo havido uma pequena discussão, chegando o mesmo a ser aprovado com um alvitre do delegado da C. G. T. A sessão foi suspensa para continuar no dia seguinte.

Sindicato U. Mobiliário de Faro.—Reuniu este sindicato em assembleia geral para tratar de assuntos importantes para a classe. Procedeu-se à eleição dos corpos gerentes, os quais ficaram assim compostos: Secretário geral, Luciano L. Ferro; secretário, A. Virgílio M. Coelho; tesoureiro, Camilo Tavares; vogal, Eduardo Ventura.

Comissão de melhoramentos: João H. Matias, Estevão José dos Santos e José Inácio Mascarenhas.

Assembleia geral—Secretários: Luís Oliveira e José da Cruz.

Delegado à U. S. O.: João H. Matias.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa.—Secretaria Central.—Reúne amanhã pelas 20 horas com a presença dos delegados de secções.

Secção metalúrgica.—Reúne hoje, pelas 21 horas, a Comissão Executiva, com a presença do cobrador.

Pede-se aos camaradas que possuem bilhetes da festa da Biblioteca, a fineza de os liquidarem.

ACREDITA:

h fraqueza geral, a tuberculose, a anemia, o excesso de fadiga, o enfraquecimento orgânico são ítem um inimigo poderoso

NUCLEO CALCINA
TÔNICO ENERGICO E SCIENTIFICO
Usado pessoalmente pelos nossos primeiros médicos
Superior a todas as imitações nacionais e estrangeiras
LABORATORIOS DA SYNTHETIC PHARMACEUTICAL
LISBOA